

APRENDER E ENSINAR

LEARN AND TEACH

Emmanuel Carneiro Leão¹

RESUMO

Somos um empenho de viver. Viver é deixar-se libertar para o empenho. Liberando as condições de viver, a existência se dá como o penhor de todo empenho e desempenho. É a questão que mora no fundo das questões sobre o ensino e aprendizagem, a formação e informação. Só quem realmente sabe aprender, e somente na medida em que o sabe, é que pode realmente ensinar. O professor é realmente professor enquanto for mais radicalmente aluno. Pois o aprender exige e impõe a ascense de constantemente assumir tanto a ignorância como o saber de que já se sabe. Não apenas aquele que já sabe tudo não pode aprender, também não o pode quem não assumir o saber de sua ignorância, quem não reconhecer que sabe alguma coisa.

Palavras-chave: Aprender. Ensinar. Formação. Informação. Matemática.

¹ Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor de Filosofia no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

ABSTRACT

We are a commitment to live. To live is to let yourself be freed for commitment. Setting free the conditions of life, the existence gives itself as the pledge of all commitment and performance. It is the issue that lies at the heart of the issues of teaching and learning, formation and information. Only those who really know how to learn, and only in so far as they know, can really teach. The teacher is really a teacher as long as he is a more radical student. For learning demands and imposes the asceticism of constantly assuming both ignorance and the knowledge of which we already know. Not only the one who already knows everything can not learn. Neither can anyone who does not assume the knowledge of his ignorance, who does not recognize that he knows something.

Keywords: Learn. Teach. Formation. Information. Math.

1. Somos um empenho de viver. Viver é deixar-se libertar para o empenho. Liberando as condições de viver, a existência se dá como o penhor de todo empenho e desempenho. É a questão que mora no fundo das questões sobre o ensino e aprendizagem, a formação e informação.

Como **querer**? Também **questionar, questão e questionamento** vêm do latim *quaerere*, a cujas formas principais de derivação ressoam: *quaero, quaesivi, quaestum* ou *quaesitum, quaerere*.

Quaerere significa originariamente: empenhar-se na busca e procura do que não se tem, por e para se ser. Não se trata de uma entre muitas outras questões. No empenho de viver, vive a primeira de todas as questões, mas **primeira** não de certo na ordem cronológica das questões. Para nós, filhos da razão e da consciência, o caminho mais longo e penoso é aquele que nos leva para o que está mais perto de nós; tão perto que até nós mesmos o somos. Assim, em nossa caminhada de existência, questionamos sempre, queremos muita coisa, procuramos dentro de inúmeros vestígios, investigamos muito, sem, no entanto, nos depararmos com o penhor de nossos empenhos e desempenhos, bem antes, portanto, de nos darmos conta da primeira de todas as questões. É que desde sempre já somos sua propriedade. Por isso, só de quando em vez lhe pressentimos a força misteriosa, sem sabermos ao certo o que nos acontece. Assim, num grande desespero, quando todo peso parece desaparecer da vida e se obscurece qualquer sentido, aparece a questão. Talvez apenas insinuada na vibração tênue que bruxuleia na confusão e de novo se esboroa. Numa grande esperança do coração, quando tudo se transfigura e parece rodear pela primeira vez, como se fosse mais fácil aperceber-lhe a ausência do que a presença.

Numa fossa da vida, quando distamos igualmente da esperança e do desespero, e a banalidade de todo dia estende um vazio, onde se nos afigura indiferente se há ou não há empenho, ressoa novamente a questão: a existência se dá como o penhor de todo empenho e desempenho. Em todo caso, quer seja questionada como a questão de fundo ou passe pelas questões, como uma aragem imperceptível, nos mobilize intensamente ou nos deixe indiferentes, não é nunca a questão primeira que questionamos na ordem cronológica das questões. É a primeira questão numa futura ordem, na ordem das próprias possibilidades de questionar, no espaço, portanto, que esta mesma questão abre e funda. É a primeira questão no sentido dinâmico de questão fundamental, da questão que se acha no fundo de toda e qualquer questão. A existência é o penhor de todo empenho e desempenho, é a questão de todas as questões verdadeiras, isto é, das questões que, ao questionarem qualquer coisa,

colocam-se a si mesmas em questão, e por isso mesmo é a questão que sempre, consciente ou inconscientemente, questiona-se junto com toda questão.

Nenhum questionamento, nenhum problema teórico ou prático, racional ou emocional, natural ou cultural se compreende a si mesmo se não compreender a questão de todas as questões, isto é, se não questioná-la.

2. Por isso, só investigamos realmente as questões do ensino e a aprendizagem, da formação e informação, se nos colocarmos em questão, questionando a questão fundamental. Mas como poderemos fazê-lo? No como se procura o caminho em que caminha todo ensinar e aprender, toda formação e informação. Um caminho assim é o matemático. Em todo relacionamento, de qualquer nível ou natureza, se encontra tanto de ensino e aprendizagem, de formação e crescimento quanto houver de matemático. É o que nos convida a reconhecer o frontispício da academia de Platão: *agewmetretos medeis eisitw*: ninguém que não compreender o matemático em sua vida e relações, não entre.

A pergunta decisiva agora é saber o que é isso o matemático. Ouvindo a pergunta e sentindo-lhe a necessidade, poderemos pensar que a resposta só pode ser dada pela matemática. Mas só poderemos pensar assim se, em nosso empenho de perguntar e desempenho de responder, não nos colocarmos nós mesmos em questão. Pois, questionando a questão fundamental de que a existência é o penhor de todo empenho e desempenho, a matemática não é senão uma determinada elaboração e exercício do matemático.

Mas então o que há com o matemático, que não pode ser explicado pela matemática? A linguagem é a passagem obrigatória de todos os caminhos de questionamento e interrogação. Matemático e matemática provêm da palavra grega *ta mathémata*, o que pode ser ensinado e aprendido. O verbo *manthano* significa ensinar e aprender; *mathesis*, o ensino, tanto no sentido do que é ensinado, como no sentido de ensinar e aprender; *mathetes* é o aluno, aquele que ensina aprendendo. O matemático diz, pois, o que pode ser ensinado e o que pode ser aprendido. Ao dizê-lo, o matemático toma a realidade num determinado aspecto. E o problema é precisamente saber: qual será este aspecto? Quando se considera e encara matematicamente uma coisa, em que perspectiva e sob qual ângulo se toma sua realidade?

Ao ouvir a palavra *matemático*, costumamos associar números, funções, conjuntos. Realmente o matemático e os números se acham numa relação íntima; a questão

é apenas saber: se tal relação existe, porque o matemático é algo numérico ou pelo contrário, porque o número é algo matemático. No jogo da questão fundamental, de que a existência é penhor de todo empenho e desempenho, esta íntima relação provém do estatuto e do vigor matemático do número e não do estatuto e do vigor numérico da matemática. E é por isso que se impõe uma outra pergunta: se é o número que é algo matemático, por que então é, sobretudo, o número que vale e se considera como o matemático? O que é o matemático em si mesmo, para se ter de considerar o número não só como algo matemático, mas sobretudo como o matemático por excelência?

A linguagem diz que o matemático é a realidade enquanto pode ser ensinada e aprendida. Aprender é um modo de tomar posse, de apossar-se e apropriar-se, assim tomamos uma pedra e a colocamos numa coleção de gemas. Nas bulas dos remédios se lê muitas vezes: “tome três drágeas ou seis gotas”. É que “tomar” diz vários modos de apossar-se, apropriar-se e dispor de uma realidade. Nessa variedade, qual será o modo de tomar que exerce o aprender? Segundo o jogo da linguagem, o matemático encara a realidade na medida em que se pode aprendê-la, mas propriamente “tomando” não podemos apreender uma realidade, por exemplo, um veículo. Do veículo só podemos aprender o uso, o funcionamento, o valor etc. Temos uma primeira indicação sobre o modo de tomar, próprio do apreender. Aprender é um tomar em que se apropria e dispõe do uso de alguma coisa.

Na escola de motorista treinamos e nos exercitamos no uso do veículo, até nos apossarmos dos meios e modos de lidar com ele, só então dominamos-lhe o uso. Isso significa: sintonizamos nossos modos de proceder e agir com o que exige e requer o funcionamento do veículo. No treino não só aprendemos a debrear, frear, acelerar, guiar os movimentos do carro. Não apenas aprendemos a manejar e coordenar os reflexos, mas em tudo isso aprendemos também e sobretudo a conhecer o veículo. Aprender inclui sempre um conhecer. No treino aprendemos a conhecer o carro. Há, pois, na aprendizagem dimensões de aprender: tais que aprender a usar, aprender a conhecer. E este aprender a conhecer possui vários níveis e graus. Assim, aprendemos a conhecer um determinado carro, aprendemos a conhecer um carro de passageiro, um carro de carga, um carro mecânico ou um carro automático; aprendemos a conhecer o que é um veículo em geral. No treino e exercício, que é apenas um aprender o uso, este aprender acontece dentro de certos limites. Só aprendemos a conhecer o carro o necessário para sermos motorista amador. Entretanto, há ainda muito mais para aprender a conhecer, por exemplo, as leis de aerodinâmica, de eletricidade, de

mecânica, da combustão de determinadas substâncias; as leis de geometria. Há, ainda para aprender a conhecer, o que é um instrumento, em que sistema de relações econômicas, sociais, humanas tem seu lugar um veículo. No entanto, disso tudo, não necessitamos para saber dirigir. Certamente que não. Isso não quer dizer, porém, que não pertença também e necessariamente ao carro, pois quando se trata de produzir o veículo, cujo uso aprendemos nos treinos, o produtor deve saber que função e finalidade, que papel e valor terá o carro em todos estes níveis.

A respeito da realidade de qualquer coisa, há ainda um aprender a conhecer ainda mais originário, algo que deve ter sido aprendido previamente, para que estejam à disposição modelos, peças e acessórios.

É o aprender a conhecer do sentido de um veículo. É este sentido que deve ser tomado de antemão. É que antes de tudo deve poder ser ensinado e aprendido. Esse aprender a conhecer o sentido constitui a base de sustentação e o fundamento de possibilidade para qualquer outro aprender, para a produção do carro, assim como o carro produzido é base de referência e o fundamento de possibilidade para seu uso e treino. Assim, o que aprendemos no uso e exercício é apenas um setor limitado do que pode ser aprendido e ensinado a respeito da realidade. O aprender originário é aquele tomar em que se toma conhecimento do sentido de uma realidade, de um veículo, de um instrumento etc. Mas isso, esse aprender a conhecer originário, propriamente nós já temos. Ao aprender a conhecer um carro de qualquer modelo que seja, nós não aprendemos pela primeira vez o sentido de um veículo, mas já o sabemos e já o devemos saber, do contrário não chegaremos a perceber o carro como veículo, por conseguinte nunca chegaremos a entender as lições dos treinos. É por já o sabermos que o que olhamos se torna visível como o carro. Sem dúvida, o que é um veículo e o seu sentido só sabemos previamente em suas invariantes gerais e de modo muito impreciso. Mas, ao aprendermos nos treinos de modo variado e preciso, não fazemos mais do que tomar conhecimento de algo que já temos. É justamente nesse tomar posse do que já temos que consiste o modo de ser e o vigor do ensinar e aprender, da *mathesis*, do matemático. Assim, em seu vigor fundamental, o matemático não é outra coisa senão o tomar conhecimento da realidade enquanto nós já temos e sabemos: do amor, a amorosidade da vida, a vitalidade; do ódio, a odiosidade; da morte, a mortalidade; do outro, a alteridade; da pessoa, a pessoalidade; do material, a materialidade; do animal, animalidade; do homem, a humanidade; das diferenças, a identidade etc. Sendo um tomar e aprender, o matemático nos apresenta um propósito muito estranho, visto que nos propõe um tomar e aprender, em que no fundo se toma e aprende o que já se possui, a nossa própria identidade.

É por esse aprender que responde o ensinar; ensinar é um dar e prestar. Entretanto, o que no ensino se presta e dá não são conteúdos, mas doutrinas, técnicas apenas. São condições e indicações para se tomar e aprender por si mesmo o que já se possui. Por isso, se alguém aprende e toma apenas conteúdos e doutrinas, técnicas e *γνωσῶσι*, não aprende, pois aprender não é acumular. Só aprende quem sabe no que compreende o sabor do que já possui, sua identidade. Acontece realmente uma aprendizagem quando a compreensão do que se tem for e vir a ser um dar a si mesmo a sua própria identidade. Nesse movimento, ensinar passa sempre da simples informação e explicação para vir a ser formação, visto que formar é deixar o outro aprender, integrando no que ele é os limites do que ele não é. Aprender é, pois, muito mais difícil e fundamental do que ensinar.

Só quem realmente sabe aprender, e somente na medida em que o sabe, é que pode realmente ensinar. O professor é realmente professor enquanto for mais radicalmente aluno. O aprender exige e impõe a ascense de constantemente assumir tanto a ignorância como o saber de que já se sabe. Não apenas aquele que já sabe tudo não pode aprender, também não o pode quem não assumir o saber de sua ignorância, quem não reconhecer que sabe alguma coisa (Sócrates).

O matemático é, portanto, a identidade de nossas diferenças com a realidade, com a realidade que nós mesmos somos e com a realidade que nós mesmos não somos. É o que não recebemos das coisas, mas de certo modo já trazemos conosco para o relacionamento. Agora podemos entender porque o número é algo matemático. Entramos numa sala e dizemos que nela há três cadeiras. O que é o número três? Não nos dizem as três cadeiras, nem três professores, nem quaisquer outras três pessoas ou coisas. Ao contrário, nós podemos contar e dizer que há três cadeiras, por já conhecermos o número três, mas ao compreendermos o três explicitamente, não fazemos senão tomar conhecimento de algo que de alguma maneira já temos. Este tomar conhecimento e aprender é, em grego, *manthanw*. Dizendo em grego, número e algo que pode ser ensinado e aprendido, é, pois, um *mathema*, um matemático, porque em nosso contato e relacionamento com as coisas, ao contar com elas e calculá-las, culturalmente, de tudo que tomamos conhecimento a respeito das coisas, os números constituem o matemático mais próximo e frequente.